

O ENSINO E A PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA: VELHAS QUESTÕES, NOVOS DESAFIOS

Lucia Helena de Oliveira Gerardi

Professora Doutora do Programa de
Pós-graduação em Geografia da UNESP – Rio Claro, SP.

INTRODUÇÃO

Falar de pós-graduação em Geografia é remontar ao final da década de 1960, quando, efetivamente, se institucionalizou como atividade acadêmico-científica regular no país. É, também, falar da centralização do sistema, quase que com exclusividade na região Sudeste (Rio e São Paulo) até meados da década de 1970, tendo como única e heróica exceção Pernambuco.

É colocar questões que incomodam e discutir os desafios que espreitam os programas de pós-graduação, mesmo que não se proponham respostas ou soluções.

AS QUESTÕES

Com perfil de distribuição geográfica centralizada, as diretrizes hegemônicas ditadas a partir dos núcleos pioneiros de pós-graduação em Geografia fluíram com facilidade, impregnando a ciência geográfica de todo o país. Seu papel, formando quadros para a docência e a pesquisa nas universidades brasileiras, foi

fundamental na construção do arcabouço do que viria a ser a Geografia nacional, carregada, ela própria, das influências recebidas do exterior por aqueles centros.

Assim, o privilégio de temas, técnicas e abordagens teóricas que interessavam à Universidade de São Paulo, à Universidade Federal do Rio de Janeiro, à Universidade Estadual Paulista em Rio Claro e à Universidade Federal de Pernambuco, sem qualquer barreira, passou a ser de interesse das Universidades Federais de todos os estados brasileiros, de muitas faculdades particulares e de alguns centros no exterior.

Não vai aqui qualquer crítica dirigida àqueles que, naquele momento e hoje ainda, impõem linhas de pesquisa e posicionamentos teórico-metodológicos e técnicos. A Ciência é assim. Ela se ajusta muito bem às explicações dos modelos de difusão de inovações e dos modelos de centralização¹. A questão que se coloca é:

1. Tal tendência se institucionaliza à medida que as agências de fomento privilegiam e induzem grandes projetos temáticos ou integrados, nos quais a linha de pesquisa do orientador é o eixo mestre, em detrimento do eventual interesse do orientando ou da instituição a que ele pertence.

Que sensibilidade temos tido para com temáticas e necessidades regionais ou locais? Até que ponto temos aceitado ou respeitado explicações que não são orientadas por nossas convicções teóricas?

Parece que as respostas a estas questões têm sido dadas pelos cursos novos e áreas de concentração que se instalaram a partir dos quatro primeiros. Ao contrário destes, com áreas de concentração abrangentes – Geografia Humana, Geografia Física, Organização do Espaço, por exemplo, justificáveis pela peculiar situação pela qual passava o ensino pós-graduado naquele momento, marcada pela pequena oferta de oportunidades e, conseqüentemente, pela necessidade de ser suficientemente amplo para atender toda a demanda, alguns novos cursos e áreas têm estabelecido claramente seus interesses como: Geomorfologia e Geoecologia, Organização espacial rural no mundo subdesenvolvido, Recursos naturais, uso e ocupação das áreas do cerrado, Tratamento da informação espacial.

Ao mesmo tempo em que alguns novos cursos e áreas indicam mais diretamente linhas de interesse, outros apontam para o privilégio de temas regionais como o semi-árido, as regiões litorâneas, o mundo subdesenvolvido, as áreas de cerrado.

Apesar disso, é cada vez maior a superposição das áreas de concentração em torno da dualidade Natural/Humana, Ambiental/Humana, Ambiental/Urba e Regional, Regional/Meio ambiente, Socioambiental, Regional/Urba ou qualquer outro nome que se dê ao estudo das configurações da natureza e das sociedades humanas projetadas num espaço. Senão, vejamos as informações do Quadro 1.

Um olhar mais aproximado da estrutura dos programas de pós-graduação revela as linhas de pesquisa que, com maior precisão que as áreas de concentração, indicam os interesses de pesquisa que agregam os docentes e alunos dos programas. Esmiuçando este conjunto (Quadro 2, ver p. 68) verifica-se a saudável diversidade temática que colore nossa ciência, porém poucos são os programas que explicitam o ensino de Geografia (em destaque) como uma de suas preocupações.

A segunda questão que se coloca é:

considerando que os objetivos da pós-graduação são o estabelecimento de quadros compe-

tentes para atender à expansão e melhoria da qualidade do ensino superior, formando o professor; o estímulo ao desenvolvimento da pesquisa científica, preparando adequadamente o pesquisador; o acompanhamento das ampliações do conhecimento e o surgimento das novas ciências e o treinamento de técnicos do mais alto padrão para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores, como os programas de pós-graduação em Geografia têm cumprido estes objetivos?

Mais especificamente, dado o fato incontestado de que o rumo certo para os egressos dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia é o magistério,

que papel tem tido nossos programas na formação do professor para os diferentes níveis uma vez que o ensino aparece minoritariamente dentre as linhas de pesquisa?

Para municiar a reflexão sobre esta questão, é importante resgatar da memória dos programas pioneiros a mudança do perfil do alunado dos cursos de pós-graduação. Estes programas tiveram a missão de titular pessoal já vinculado às instituições universitárias brasileiras. Assim, seus primeiros alunos e a maioria dos que buscaram os cursos de pós-graduação até meados da década de 1980, eram professores universitários de instituições públicas, muitos já com larga experiência, muitos já alçados aos mais altos cargos da carreira do magistério superior, que viam na pós-graduação uma forma de melhorar sua qualidade profissional ou ainda um meio de fazer jus a incentivo financeiro pela titulação.

Aos poucos, mas consistente e progressivamente, o perfil descrito foi mudando com a substituição dos profissionais por estudantes recém-formados, ainda não engajados ao mercado de trabalho, por docentes participantes do ensino não-universitário (fundamental e médio) ou, ainda, por professores universitários de escolas particulares, menos tradicionais, locais ou regionais.

Esta mudança de perfil acarretou novas experiências para os programas, que passaram a se preocupar com a necessidade de conseguir bolsas e recursos para pesquisa para estes estudantes que não os teriam a partir de suas instituições de origem, situação que se agravou, pois este momento coincide com a proliferação de novos cursos (não só de Geografia) demandando

Quadro 1
Áreas de concentração dos programas de pós-graduação em Geografia

Universidade	Área de Concentração
Univ. de São Paulo (USP/GF)	Geografia Humana
Univ. de São Paulo (USP/GH)	Geografia Física
Univ. Fed. do Rio de Janeiro (UFRJ)	Planejamento e Gestão Ambiental Organização e Gestão do Território
Univ. Fed. de Pernambuco (UFPE)	Regionalização e Análise Regional
Univ. Est. Paulista - Rio Claro (UNESP/RC)	Organização do Espaço Análise da Informação Espacial
Univ. Fed. de Santa Catarina (UFSC)	Desenvolvimento Regional e Urbano Utilização e Conservação de Recursos Naturais
Univ. Fed. de Sergipe (UFSE)	Organização e dinâmica dos Espaços Agrário e Regional Formas e Processos Tradicionais de Ocupação Territorial - estudos arqueológicos
Univ. Fed. de Minas Gerais (UFMG)	Análise Ambiental Organização do Espaço
Univ. Est. Paulista - P Prudente (UNESP/PP)	Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental
Univ. Fed. da Bahia (UFBA)	Análise do Espaço Geográfico
Univ. Fed. de Goiás (UFG)	Natureza e Apropriação do Espaço no Cerrado
Univ. Est. do Ceará (FUNECE)	Análise Geoambiental e Ordenação do Território nas Regiões Semi-áridas e Litorâneas
Pont. Univ. Católica de M. G. (PUC/MG)	Análise Espacial
Univ. de Brasília (UNB)	Gestão Ambiental e Territorial
Univ. Fed. de Uberlândia (UFU)	Análise e Planejamento Sócio-ambiental
Univ. Fed. do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Análise Ambiental e Territorial
Univ. Est. de Maringá (UEM)	Análise Regional e Ambiental
Univ. Fed. Fluminense (UFF)	Ordenamento Territorial e Ambiental
Univ. Fed. do Paraná (UFPR)	Análise e Gestão Ambiental Produção do Espaço Urbano e Regional
Univ. Fed. do Rio Grande do Norte (UFRN)	Dinâmica e Reestruturação do Território
Univ. Est. de Londrina (UEL)	Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento
Univ. Fed. de Mato Grosso (UFMT)	Ambiente e Desenvolvimento Regional
Univ. Fed. do Mato Grosso do Sul (FUFMS)	Produção do Espaço Regional
Univ. Est. de Campinas (UNICAMP)	Análise Ambiental e Dinâmica Territorial
Univ. Fed. de Santa Maria (UFSM)	Análise Ambiental e Dinâmica Espacial
Univ. Est. do Rio de Janeiro (UERJ)	Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico

Fonte: CAPES - 2003. (disponível em <http://www.capes.gov.br>).

bolsas e com a restrição dos recursos das agências financiadoras.

Reforçando a questão anterior, é lícito se insistir na pergunta provocadora a partir desta mudança de perfil:

Hoje, mais que em tempos passados, os cursos de pós-graduação têm a responsabilidade de formar o professor, uma vez que recebem recém-formados sem qualquer experiência docen-

te (muitos só bacharéis) e os entregam ao mercado de trabalho para atividades de magistério. Estamos oferecendo disciplinas para a formação do professor ou oportunidades de pesquisa em ensino em quantidade e qualidade suficientes?

Considerando a pesquisa, deve-se refletir se a produção de nossos programas de pós-graduação tem se

Quadro 2
Linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação em Geografia

IES	Linhas de Pesquisa
FUFMS	Desenvolvimento Regional Planejamento e gestão ambiental
FUNECE	Análise geoambiental integrada do semi-árido e litoral Análise geoambiental integrada e dinâmica das paisagens semi-áridas e litorâneas Território, sociedade e cultura
PUC/MG	Estratégias regionais Meio ambiente Sistemas de informações geográficas
UEL	Dinâmica e gestão de bacias hidrográficas Modernização tecnológica e organização espacial paranaense População e desenvolvimento Uso do solo e análise ambiental
UEM	Análise ambiental Análise biogeodinâmica da paisagem Métodos e técnicas de pesquisa Organização do espaço habitado
UFBA	Análise urbana e regional Meio ambiente
UFF	Ordenamento territorial ambiental Ordenamento territorial urbano-regional
UFG	Estudos geoambientais Formação regional: políticas, economia e cultura Geografia e práticas educativas
UFMG	Geomorfologia e meio ambiente Meio ambiente, paisagem e desenvolvimento sustentável Produção, organização e gestão do espaço Teoria, métodos e linguagens em geografia
UFPE	Ecossistemas e impactos ambientais Estudo de regiões agrárias Organização e dinâmica espaciais: teorias e aplicações regionais Sistemas urbanos, urbanização e planejamento urbano e regional
UFPR	Análise e gestão ambiental de bacias hidrográficas Cultura, percepção e ação no espaço brasileiro Estudo do ambiente urbano Origem, estrutura e dinâmica das paisagens Transformação e gestão do espaço urbano-regional
UFRGS	Análise ambiental Análise territorial Geografia e Educação
UFRJ	Cultura, informação e cidadania Desenvolvimento, ambiente e território Dinâmica hidro-climática Espaços e dinâmicas urbano-regionais Geopolítica da Amazônia Geopolítica e territorialidade Geoprocessamento Interações geoecológicas e biodiversidade Processos geomorfológicos e evolução da paisagem
UFRN	Estudo do ambiente urbano e rural Geografia e ensino Globalização, estado-nação e território

IES	Linhas de Pesquisa
UFSC	Agricultura e desenvolvimento Análise ambiental Espaço industrial, inovação técnico-científica e configurações regionais e urbanas Oceanografia costeira e geologia marinha Processos geológicos e geomorfológicos e evolução de vertentes Recursos hídricos Redes e organização territorial Urbanismo, cultura e história da cidade
UFSE	Análise ambiental e espaço rural e regional Campesinato e agricultura familiar Estado e organização do espaço Mudanças na organização agrária Ocupação do território da pré-história aos tempos atuais Regionalização e desenvolvimento regional Relações campo-cidade
UFU	Análise e planejamento sócio-ambiental Cidade e campo: relações políticas e sócio-espaciais Geoprocessamento e sensoriamento remoto
UNB	Geoprocessamento para a gestão territorial e ambiental Urbanização, ambiente e território
UNESP/PP	Desenvolvimento regional Epistemologia e ensino da Geografia Estudos agrários Planejamento ambiental
UNESP/RC	Agricultura e desenvolvimento rural Análise, percepção e qualidade ambiental Métodos e técnicas de análise da informação espacial Planejamento, redes urbanas, dinâmica territorial e desenvolvimento industrial Teorias e história do pensamento geográfico
UNICAMP	Dinâmica territorial: sistemas técnicos atuais e novas práticas sócio-espaciais Sistemas de informações geográficas, análise dos componentes naturais da paisagem e das transformações ...
USP/GH	Espaço, imagens e representações gráficas Geopolítica, planejamento e gestão do território Metodologia em Geografia O ensino da Geografia no Brasil Sociedade urbana: metrópole e território Território, Economia e desenvolvimento regional
USP/GF	Espaço, ensino, imagens e representações gráficas Estudos teóricos e práticos aplicados em climatologia tropical Formas materiais e processos na zona tropical úmida Paisagem e ambiente
UFMT	Dinâmica do espaço regional
UERJ	Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial Mudanças Ambientais e Qualidade de Vida Dimensões Culturais na Dinâmica Sócio-Espacial
UFSM	Sensoriamento remoto em Geografia Meio ambiente e sociedade Geoinformação e análise espacial

Fonte: CAPES. Avaliação triênio 2001/2003 - Pós-graduação, 2003. (CD Rom)

revelado como contribuições efetivas para o avanço da Geografia e se esta é a expectativa com respeito às teses e dissertações que temos orientado e aprovado. Vai aqui uma outra provocação:

Nossos programas de pós-graduação são, realmente, os comandantes dos rumos da Geografia científica ou têm servido apenas para dar titulação a alunos bem-intencionados a partir de trabalhos pouco criativos?

Tendo em vista toda a dinâmica tecnológica dos nossos dias, que coloca à disposição do pesquisador instrumental avançado de análise espacial, a Geografia, no geral, não tem dado a ênfase que talvez fosse necessária para dotar o pós-graduando de maior poder de competitividade no mercado de trabalho fora do ensino, que precisa ser mais consistentemente aberto ao geógrafo. Retomada sob outro enfoque, a questão aponta para a feroz competição que a Geografia tem enfrentado em face das Geociências, da Arquitetura, da Agronomia, entre outras, que têm assumido com gosto e sucesso a análise espacial. Cabe uma pergunta:

O que temos feito para suprir nossos alunos com o conhecimento instrumental necessário para capacitá-lo ao pleno exercício profissional?

Dada a inexorabilidade do processo de globalização, dados os novos arranjos espaciais dele decorrentes, certamente novas temáticas deveriam ou deverão tomar parte do *corpus* de preocupações da Geografia. A pergunta que se coloca é:

Como ficam as temáticas particulares do tipo “a cultura do fumo em...” ou “a violência na cidade de...” ou ainda “o impacto da urbanização na poluição do ar em ...”?

Responder a todas estas questões, e outras, não é tarefa fácil, nem se pode ter certeza se é possível. Mas a tentativa de discussão neste momento é obrigação de todos nós, praticantes, formuladores de rumos e disseminadores da nossa ciência.

OS DESAFIOS

O primeiro desafio a ser enfrentado pela pós-graduação é o desafio da **qualidade**.

O aumento desmesurado do número de programas de pós-graduação em todas as áreas, inclusive na Geografia, tem exigido critérios de qualidade cada vez mais

estritos quanto à estrutura, ao corpo docente, à infraestrutura de laboratórios e bibliotecas. Esta qualidade tem que ser reconhecida pela comunidade acadêmica e científica e, por isso, deve ser expressa em produção bibliográfica consistente e importante na área. Estas condições valem tanto para a proposição de um programa novo quanto para a avaliação de um antigo.

A exigência de maiores níveis de qualidade aponta para um arrefecimento no ritmo de crescimento do número de programas e para uma avaliação depreciadora da boa parte dos programas hoje existentes. Apon-ta, também, para uma corrida à produção bibliográfica e à produção de teses e dissertações em tempo recorde, que nem sempre primam pela qualidade que perseguem.

O segundo desafio é o do **financiamento**, hoje dependente basicamente das agências de fomento (Capes, CNPq e Fap's), uma vez que, no geral, as universidades públicas não orçam nem contabilizam os custos da pós-graduação, deixando às verbas provenientes destas agências o custeio de materiais de consumo, manutenção de equipamentos, diárias de campo etc. e mesmo das bancas de qualificação e defesa.

Com o aumento da demanda junto às agências, ocasionada pela multiplicação dos programas, e com a estagnação orçamentária destas instituições, o nível de financiamento dos programas caiu em quantidade e qualidade, ou seja, o número de bolsas destinadas a cada programa vem diminuindo progressivamente e tem como consequência a diminuição dos recursos colocados à disposição dos programas. Da mesma forma, o uso destes recursos, antes mais livre, hoje tem restrições que impedem, por exemplo, a compra de livros ou de equipamentos de informática, entre outros.

Se as universidades não se comprometerem seriamente e regularmente com os custos da pós-graduação, pode-se prever que em pouco tempo o sistema tenderá a entrar em colapso, comprometendo a tão exigida qualidade.

Por outro lado, a diminuição dramática do número de bolsas compromete o acesso aos programas e alonga os tempos de titulação, tão cobrados pelas avaliações.

Assim, os programas de pós-graduação se encontram literalmente envolvidos por um problema circular: se não tem qualidade, não tem financiamento; se não tem financiamento, fica difícil atingir a qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Responder às questões e enfrentar os desafios apontados não é tudo, nem estas são as únicas questões, nem estes os únicos desafios. A comunidade de geógrafos envolvidos com pós-graduação é crescente, quer na condição de alunos, quer como professores e administradores de programas. Este contingente de pessoas tem se preocupado com os problemas enfrentados pela área e tem podido, de algum tempo a esta data, discuti-los e opinar quanto à sua solução tanto nos fóruns de coordenadores patrocinados pela Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) quanto por meio de seus representantes na

comissão de avaliação de programas junto à Capes. As soluções buscadas nem sempre dependem diretamente dos geógrafos, mas sua legítima pressão pode ser decisiva para a implementação de meios de superação das dificuldades.

REFERÊNCIAS

- CAPES. *Mestrados/Doutorados reconhecidos* – Grande área de Ciências Humanas – Área Geografia. (Disponível em < <http://www.capes.gov.br> >. Acesso em 31/08/2003.
- CAPES. *Avaliação triênio 2001/2003* – Pós-graduação, 2003. (CD-ROM)

Texto apresentado na mesa redonda *Organização da pesquisa em ensino de Geografia no Brasil*, no 7º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (Vitória, setembro de 2003).

Resumo

Nos cursos de pós-graduação são gerados trabalhos que constituem o lastro do conhecimento e representam os rumos da Geografia a cada momento. Menos importante tem sido seu papel na formação de professores. Estes dois lados de uma mesma estrutura são questionados no sentido de trazer à tona a reflexão sobre que pesquisa, que pesquisador e que professor de terceiro grau estamos formando. Com relação à pesquisa, questiona-se sua qualidade e sua relevância científica e social. Quanto ao pesquisador, reflete-se sobre os instrumentos teóricos e técnicos apresentados e sobre o grau de autonomia que ele consegue atingir. Quanto ao docente, discute-se até que ponto nossos cursos têm dado a adequada ênfase às questões relativas ao ensino. Os novos desafios dizem respeito à qualidade e ao financiamento da pós-graduação.

Palavras-chave

Geografia – Pós-graduação – Ensino – Pesquisa.

Abstract

The graduate studies in Geography, since the earlier sixties has been the thinking core of Science in Brazil. In the graduate courses has been produced scientific texts that form the background of knowledge and points out forwards for Geography, beside neglecting the teacher formation. So, its important to reflect about what kind of research, what kind of researcher and what kind of Geography teacher are we forming. Concerning research, we must ask about its quality and scientific and social relevance. Concerning the researcher, we must worry about the theoretical and technical instruments that our courses are giving to them and about the degree of autonomy they can achieve. Concerning the teacher, its necessary to discuss if our courses are emphasizing sufficiently themes on teaching. The new challenges are connected to the quality and to the financing of courses.

Keywords

Geography – Graduate studies – Teaching – Research.